

IONE — Paulo, amigo velho, a gente não pode se abraçar na tua saída. Mas eu não podia deixar de te abraçar nessa volta. E venho pra retomar o papo que ficou parado em Recife há tantos anos. Me conte: chegando ao Brasil, quando desceu do avião, como é que foi? Ou até quando sobrevoava e começou a ver a terrinha lá de cima?

PAULO — “A emoção começou muito antes. Começou, por exemplo, quando numa certa tarde de setembro de 1964 eu ouvi o comandante de uma Cia. Boliviana de Aviação, que fazia o percurso São Paulo/La Paz, advertir os passageiros que estávamos saindo do Brasil. E eu, um pouco timidamente, um pouco assustadamente, um pouco nem sei quê, olhei de cima e vi um verdume enorme. E disse a mim mesmo: “Está se acabando, pelo menos agora, durante muito tempo, a minha visão física do Brasil”. Por isso digo que talvez a emoção tenha começado ali, no momento da saída. A saída cacuçava a volta! Nem sei se esse verbo ainda existe por aqui”.

IONE — Claro que existe. Alguns verbos não foram excluídos, não.

PAULO — “Pois bem, a saída sugeria a volta, o retorno”.

IONE — E você nem podia pegar naquele verdume, guardar um bocadinho.

PAULO — “Não, não! Era um verde longe... Evidentemente, que nesses 15 anos as palavras desse comandante de vez em quando voltavam a mim. Mas tive que vivê-los tentando, com Elza (mulher de Paulo), não permitir que a saudade do Brasil me paralisasse. A saudade que eu tinha era uma saudade mansa, bem comportada, direita, que me empurrava para o futuro, não me amarrava ao passado. Em alguns dos meus encontros com vários amigos no exílio, muitos dos quais sofriam profundamente a falta do Brasil — não digo que sofriam mais do que eu; sofriam de forma diferente — vi que eles eram sofridos por essa falta. E por causa disso idealizavam. Viam aberturas quando não havia nenhum sintoma disso. E, às vezes, eu sentia pena porque tinha de funcionar como uma espécie de desmancha-prazeres, chamando-os ao realismo.

“Mesmo assim, sem querer criar na minha cabeça uma realidade que satisfizesse o meu sonho, eu estava como que à espera da emoção da volta. Só que guarda isso com muito cuidado, até com carinho, e talvez até egoisticamente eu não mostrava. E isso funcionava como uma defesa do sofrimento. Em certo sentido havia uma espécie de preparação da volta. De modo que quando nessa nossa re-conversa você perguntou da emoção ao descer, e até antes, ao sobrevoar o Brasil, num certo sentido estava sendo preparada essa emoção. E era até necessário que estivesse”.

IONE — Senão teu coração explodia?

PAULO — “Ah, explodia. E veja: por falta de teto no Rio viemos direto pra S. Paulo. Chegamos uma hora e meia antes da hora marcada. Quando sobrevoávamos Campinas eu me preocupei em observar os meus filhos que olhavam misteriosamente aquele mundo lá embaixo”.

IONE — Mundo um tanto desconhecido pra eles que saíram daqui com 5 e 8 anos, não?

PAULO — “Exato, exato. Tu te lembras deles pequeninhos, não? Ai descemos em Viracopos. Sentimos o cheiro do chão, que é uma das coisas formidáveis”!

IONE — Cheiro bom de terra da gente. Cheiro de pele de gente da gente.

PAULO — E, isso é uma maravilha! Quando saímos da faixa interna do aeroporto então, as emoções se multiplicaram, porque aí eu via caras. Rêvia caras cuja impressão eu tinha deixado aqui há 15 anos atrás. Eram emoções distintas encontrar diferentes gerações no aeroporto. A minha geração. A do Fernando Henrique (Cardoso). A de Welfort, Almino Afonso. Encontrei gente jovem que trabalhou comigo em S. Paulo e até que trabalhou também no Nordeste. E encontrei

tinham 5, 6 anos quando saí do Brasil. E que me abraçavam dizendo: “Viva Paulo, chegaste”. Daí pra cá não parou mais, as emoções se multiplicam. E o telefone que toca (o telefone não parou de tocar todo o tempo) e que me chama de diferentes pedaços do Brasil me trazendo uma voz de conforto, e também com muito otimismo, pra dar um pulinho em Porto Alegre, em Salvador, em Brasília. E seria pra mim uma alegria enorme rever estas cidades. Mas não dá nessa primeira visita que é curta, um mês somente. E a nossa geografia sentimental do País inteiro”.

IONE — E os teus filhos vendo esse entrar e sair de gente, identificando você com esse alvorço brasileiro, esse querer saber tudo, como é que é?

PAULO — “Bom, como é que os meninos reagem, né? (os “meninos” têm 20 e 23 anos). Ainda ontem o mais moço me dizia: “Realmente o Brasil tem o que ver comigo, e eu tenho o que ver com o Brasil”. Não sei se essas expressões ainda se diz.”

IONE — Claro! Tá tudo aí, todo mundo usa.

PAULO — “Ontem à noite, por exemplo, um dos momentos dessa alegria foi ver e ouvir Bethânia. Na sua parte escrita eu quero até agradecer por que, quando ela soube que nós estávamos no teatro, mandou que a gente entrasse pra falar com ela, menina!”

IONE — Isso não é uma coisa muito brasileira?

PAULO — “Muito, muito. Isso é o Brasil. Não sou crítico de coisa nenhuma, sou é brasileiro, e acho extraordinário ver como Bethânia propõe ao público um poema ao lado de uma música que necessariamente não foi ela quem fez. Também no jeito do seu corpo, como algo a ser lido por nós, e não apenas ouvido, e com uma graça, um respeito por si própria! Achei fantástica essa unidade, e essa expressividade comunicante da Bethânia. Foi uma noite de imensa emoção. E eu tinha visto Bethânia uma vez só, na tv alemã.”

IONE — Virgem Maria!

PAULO — “Virgem Maria mesmo. Imagine. Eu tinha ido dar um seminário na universidade alemã e estava comendo uma feijoada na casa de um professor que tinha morado no Brasil.”

IONE — Feijoada alemã com gosto de quê?

PAULO — “De feijoada mesmo, pode acreditar. Perfeita! E por coincidência estavam mostrando uma parte de um show da Bethânia. Ontem eu a vi!”

IONE — De pertinho, até podendo tocar nela?

PAULO — “De pertinho, e até a abracei e agradei. Fiquei triste porque pedi um autógrafo na capa de um disco dela que eu havia comprado, mas a danada da minha caneta suíça falhou!”

IONE — Até caneta suíça falha!

PAULO — “A capa do disco é muito lisa também. E quando sai, chovia demais. A chuva caiu em cima do que eu conseguia escrever e borrou tudo. Borrou a comunicação de Bethânia. Isto fez parte do meu reencontro com o Brasil. Não vou esquecer nunca. Porque, veja: tu que começas a conversar comigo antes de 64 e com quem agora reato a conversa que parou... é como se eu tivesse te dito: “Olha, Ione, espera aí um momentinho que eu já chego”. Custou, mas cheguei. Tu que me conheces de muito tempo, tu sabes que, sobretudo, eu sou um cara que vive, que existe. Essa é a minha pretensão: amar a existência.”

IONE — O gosto pela vida que não há nada, tempo ou ninguém que tire, é o mesmo?

PAULO — “O gosto pela vida... que não há nada, NADA, que tire, isso mesmo. A vida é uma pedrinha no chão. A vida é uma noite de lua... que a gente não tem na Europa... existe, mas a gente não vê”.

“A minha imaginação sempre passeou pelas bandas de cá...”

IONE — Gozado! Fisicamente, Paulo Freire mudou um bocado. Mas, não te vejo com pressa, afobado, angustiado ou tímido, apesar destes 15 anos e do porquê deles. Não há em você nenhum sintoma de exilado. Está até mais calmo e sereno do que antes. Não se queixou ou lamentou. Que é que é isso?

PAULO — “É verdade... Bom, evidentemente que a minha imaginação sempre passeou pelas bandas de cá. A minha e a de Elza. As vezes eu tento sondar a memória dos filhos que saíram pequenos. Quase nada acontece. Vamos ver aqui, agora. Imagine que um deles recorda domingo em que eu ia com eles numa ponte grande, no centro do Recife (Ponte Duarte Coelho). Ele diz: “Eu olhava assim, lá embaixo, e você dizia — meu filho, como é o nome deste Rio?” — Aí ele mesmo parou, pensou, pensou e lembrou: “Capibaribe”! Eles me pediram que ao voltar agora ao Recife gostaríamos de sair comigo sozinhos. E só vou ter oito dias lá. Mas vou fazer isso tudo. Sair de manhã, ver o quintal da casa onde nasci, tomar caldo de cana no mesmo lugar onde tomava com eles. Nunca esquecemos disso.

“Minha amiga, passamos 15 anos exilados, mas comendo comida brasileira. Elza que gosta de cozinhar — é uma artista! — nos primeiros dias quando chegávamos a um lugar, ela fazia uma pesquisa em torno do que existia para que tivéssemos algo parecido conosco. Nos Estados Unidos comíamos carne de charque, feijão preto, batata doce, cozido, macacheira. Lá tem o que a gente quiser. Em Toronto, no Canadá, a mesma coisa. Em Gênève tem menos, mas encontramos o mínimo fundamental. Na África, nem se fala. Mantivemos este tempo todo uma relação muito íntima com a nossa cultura. E gosto de comida é cultural, sem ofender o gosto dos outros, mas satisfazendo o nosso.”

IONE — Não teve nadinha nesses anos todos que você não encontrou por lá?

PAULO — “Pitangada! Estou ansioso por uma. Já recebi muitos telefonemas dos amigos do Recife me prometendo. Vou ter várias pitangadas! Eu escrevia falando nisso, acredita? Lembro de uma carta para um amigo do Recife em que eu dizia: “Se você um dia sair de casa de tarde, no tempo do verão, céu azul, ventinho ensinado varrendo a rua da Aurora... se você sair pra passear numa tarde como essa, fixe o momento em que dobra uma esquina. E fixe o momento de uma surpresa que tenha ao dobrar a esquina. Nunca mais esqueça. Trate com cuidado esse momento, porque pode ser que um dia você se exile também. Se você numa manhã de sol vai a uma praia como Rio Doce, Tambaú, na Paraíba, queime direitinho o seu corpo. Molhe o seu corpo nas águas mornas do Atlântico e guarde a saúde desta quentura, porque pode ser que um dia você deixe isto, e precisa estar com a marca desta quentura. Se você tem uma pitangueira em casa, cuide das pitangas. Se você tem uma goiabeira... “A carta era toda assim, de chamamento à atenção par as coisas que deviam ser bem cuidadas.”

IONE — E às vezes passa-se tão distraído, tão desatento por elas por que estão sempre tão à mão!

PAULO — “Tão à mão... que nem se sabe o valor que isto terá depois! Aparentemente, esses momentos eram de nostalgia, mas eram saudade doce e amiga.”

IONE — Impressionante este teu jeito de manter as coisas perto. Em nenhum momento você me perguntou: e fulano? E a ponte da Imperatriz não desabou na última enchente lá no Recife? Ainda tem goiaba nessa época? Parece que nada se desprende de você.

PAULO — "Nadinha, você observou muito bem. Estas coisas eu vivi com tal intensidade... nada alvorocado, profundamente, carinhosamente... que eu às assumi e fui assumido por elas. Dai a paz com que desci do avião. Te confesso que até me perguntava:

"Paulo, o que há contigo? Por que tanta paz"? Era a paz de quem voltava em paz. Eu nunca dei as costas ao meu País, mas também nunca me senti torturado por estar longe dele. Me senti capaz de integrar-me com outras culturas."

IONE — Não foi também por causa do tipo de trabalho, dos contatos humanos, que você se manteve em paz, mesmo longe?

PAULO — "Claro. Eu fui um exilado confrontando certos riscos, mas de uma forma conscientemente crítica. E o que é importante: tendo sempre o Brasil como uma preocupação. Além disso, havia o apoio crítico-afetivo de Elza, de uma importância extraordinária na minha vida íntima, inteira. Mas, sobretudo nesses 15 anos."

IONE — A grande companheira! Sempre prestando atenção nela e em você.

PAULO — "Sempre. Tomava conta da nossa saúde, de dar certas cordas à saudade."

IONE — Sem esticar demais!

PAULO — "Perfeito. Eu não quero dizer que fui um exilado perfeito. Isto não existe. Mas ninguém faz o que fiz sozinho. Foi tudo em conjunto, com as pessoas de fora e de dentro de casa. Com todas as dificuldades que uma situação de exílio pode propor, se não tivéssemos o cuidado de cuidar da estrutura da casa, do lar, da relação com os filhos, talvez hoje a minha volta fosse um tanto arrebatada. Temos as marcas dos 15 anos. Elza mais gorda, mas muito mais moça do que eu. Eu com pouco cabelo, e branco, o que me leva na Europa a usar chapéu pra defender a careca... A barba que vem ficando rapidamente branca, e que comecei a usar há 10 anos atrás nos Estados Unidos pra me defender do frio de Cambridge, que é terrível... Mas, voltamos inteiros."

IONE — Já te contaram que a volta de vocês não tem causado nenhum tumulto? Que não existe especulação ou enquadramento, para o que vocês vão fazer, onde e como fazer?

PAULO — "Olha, há uma coisa que eu quero sublinhar. E a maneira como a imprensa desde que cheguei, até em entrevistas por telefone, tem se comportado comigo de forma madura, profissional, compreensiva, respeitosa. Isto não significa que todos os jornalistas com quem conversei necessariamente concordem comigo. O que saliente é a seriedade com que me tratam, recebem, veiculam. Isto me agrada muito."

IONE — Como você avalia este comportamento?

PAULO — "Eu não avaliaria em função de mim mesmo. Esse comportamento deve ser geral. Deve ser um momento de desenvolvimento dos que fazem a imprensa em função do momento histórico brasileiro. Há uma espécie de camaradagem, sabe? Não digo que isso vá ser eterno. Mas foi uma for-

ma de demonstração de carinho que nos deixa muito contentes."

IONE — Acho que deve ter algo muito claro quando a imprensa vem conversar com você. Pelo que me consta, as perguntas são muito diretas, não há nenhum jogo duplo pra te pegar. Pelo que li, ninguém te perguntou, por exemplo, em qual PTB você poderia se alinhar, ou se mais importante é a frente de oposição do MDB. Por que?

PAULO — "Engraçado. Todos eles perceberam que não precisam preocupar-se porque falo franco e aberto. Teve dias que fui entrevistado das 10 da manhã às 7 da noite. E aqui o clima, ao tempo todo, foi de cordial e franca abertura, de amizade, nenhuma cobrança. Acho fantástica esta compreensão."

IONE — Sei que você não é chegado a melancolia. E acredito que na Europa você integrou novos amigos, novas emoções, e que devem ser muitas. Laços bons que empurram mesmo pra frente. E me pergunto, te perguntando: se eu tivesse passado tanto tempo fora, voltando ao Brasil e indo por último ao Recife, o coração ia balançar demais. Aí fico vendo aquela casa do Jardim Triunfo (onde você morava), principalmente a noite, depois do jantar, você sentado na cabeceira, Elza ao seu lado esquerdo, os meninos pequenos, e nós, gente mais jovem, num clima tão bom de igualdade, de solidariedade, conversando com Paulo...

PAULO — "Tempo bom e rico!"

IONE — E vamos conversar e trabalhar sobre uma pesquisa importante chamada "Universo Vocubular".

PAULO — "Exato, exato!"

IONE — Paulo, eu queria tanto que você contasse alguma coisa daquelas noites do Jardim Triunfo quando descobrimos a importância da palavra TIJOLO!

PAULO — "Sim, eu tenho uma notícia pra te dar. Aquelas conversas que nós tínhamos se deram no mesmo momento em que eu me estendi com a Universidade do Recife até o Rio Grande do Norte para a célebre experiência de Angicos. (Angicos, cidade do RN, onde se deu a experiência piloto de alfabetização pelo método Paulo Freire, dentro das 72 horas estimadas neste método). Mas ontem — tu não imaginas a emoção! — eu recebi um telefonema de Natal de um dos jovens que foram educadores em Angicos. E ele me disse que está cheio de documentos, de investigações posteriores provando que não houve regressão."

IONE — Maravilha! Provando então, que o método naquela época já estava certo e o que foi aprendido está lá, intacto?

PAULO — "Intacto. Inteiro! E progrediu, avançou. E me disse ele que está pensando em publicar um trabalho como testemunho de uma experiência, sem nenhuma pretensão de estar fazendo nada extraordinário, mas de um momento da

educação popular no Brasil."

IONE — Mas é um testemunho extraordinário que não se pode perder.

PAULO — "Pois é, e que tem um sentido do próprio tempo. Mas, não era possível parar nos meus 15 anos de exílio. Então, eu tive outras tantas Iones pra conversar, outros tantos Marcos, Carlos, Pedros e Antonios. Às vezes falando outras línguas, nessa minha peregrinação, nessa minha andarilagem. No terceiro capítulo da "Pedagogia do Oprimido" eu relato como o método avança além do tema gerador. Isto vem se desenvolvendo muito em outras investigações fora da América Latina."

"O nosso espanto revelava a nossa posição de classe..."

IONE — Me conte desses avanços. Porque pra mim ainda está muito gravado na aplicação do método de alfabetização o momento em que mostrávamos, através de desenhos, que o homem ao transformar a natureza — construindo a casa, o poço, o tijolo — faz cultura. A relação ser humano-mundo, né? E eu lembro das nossas caras de espanto quando ouvíamos o ainda analfabeto dizer: "Quer dizer que quando eu faço o tijolo, eu faço cultura?" (Tijolo foi o tema gerador do método de alfabetização no NE).

Então eles descobriam que apesar de toda a crueza social em que viviam não eram "coisas", sombras que sobreviviam como podiam. Faziam parte da sociedade de todos os homens. Lembra?

PAULO — "Esta experiência se repetiu, eu a vivi lá fora, exatamente. Há uma afirmação que eu lembro bem, entre milhares, de um velho camponês chileno. Numa noite, há uns 60 quilômetros de Santiago, eu assistia a um debate. Lá eu não fazia o debate, meu "castanhês" não me permitia. Isso era

feito por um nacional. Num certo momento, exatamente na discussão do problema da cultura, da relação ser humano-mundo, de repente o camponês olha assim com energia, mas sobretudo com paz, e diz:

Agora eu sei que sou um homem com cultura.

E eu perguntei:

Por que?

Ele me olhou e disse:

Ora! (como quem dissesse: Isso é pergunta que se faça?). Porque trabalho e, trabalhando, transformo o mundo.

"Eu fiquei tão comovido como estou te vendo agora. Outro camponês, discutindo esse mesmo problema, disse:

Agora eu descobri que não há mundo sem o homem. E não há homem sem o mundo.

E o educador disse:

Muito bem: Agora vamos admitir que no momento atual, morressem todos os homens e todas as mulheres, mas ficasse a Cordilheira dos Andes, todos os animais, as árvores. Seria mundo isso?

E o velho camponês, possivelmente numa posição que chamaríamos agora, academicamente, de subjetivista/objetivista, respondeu:

Não.

E o educador:

Por que?

E ele:

Porque não haveria quem dissesse: isto é mundo.

"Coisas maravilhosas! Agora, Ione, eu tenho uma observação pra te fazer e não sei se tu concorda. Retomando as nossas conversas do Jardim Triunfo, a minha observação é a seguinte: quando nós, você bem menina, eu moço mas já homem feito (comecei as minhas pesquisas lá pelos 20 anos), quando costumávamos conversar, trabalhar, fazermos perguntas uns aos outros... Eu hoje estou convencido, Ione, de que naqueles momentos em que a gente se espantava em Recife, Angicos, S. Paulo, onde quer que estivessemos, não importa, mas quando a gente se espantava ao ouvir informações como a de uma mulher, em Recife, ao dizer: "Eu quero aprender a ler e escrever pra deixar de ser sombra dos outros", tu te lembra?"

IONE — Lembro muito bem.

PAULO — "Estou convencido de que o nosso espanto diante disto tinha uma origem de classe. Revelava a nossa posição de classe. No fundo, era um espanto de elitistas que não queriam ser — e inclusive proclamavam que não eram — mas nosso espanto revelava que ainda éramos elitistas"

IONE — Isto é absolutamente verdadeiro. O espanto era o desconhecimento completo do nosso povo. Não sabíamos quanta sabedoria havia neles.

PAULO — "Exato!"

IONE — O que faltava era uma chance, um instrumento que organizasse, sistematizasse o conhecimento.

PAULO — "Claro! E era como se disséssemos: "Quem pode expressar uma compreensão dessas"? Só esperávamos isto de nós mesmos. E a ideologia do conhecimento verbalista que temos. Aí daqueles, entre nós, que não foram capazes de superar este espanto! Porque só os que superaram isto na prática, pensando a sua prática e que foram vivendo a conversão ao povo, descobrindo então que é o fato do trabalho dele mesmo, é a dureza da sua experiência que o faz saber isto tudo. E não é privilégio nosso. O que temos que fazer é apenas, em colaboração como o povo, sistematizar, ou, proporcionar meios de sistematizar um conhecimento que sempre esteve lá. Foi preciso viver isso tudo pra perceber essas coisas. Afinal de contas nossa formação era esta."

IONE — Certo. E mais: essa coisa do espanto era natural, então, e até necessária, pois sem ela continuaríamos universitários, apenas. Na verdade, transmitimos tanto, mas aprendemos muito mais.

PAULO — "Nos seminários de formação de educadores, eu chamava muito a atenção para esta convivência com o povo. Lembras? Para esta compreensão da realidade. E havia também uma coisa boa que era nos sentirmos muito bem, felizes. Pra mim era como se estivesse comprovando uma coisa, que era o método, da qual eu ainda não estava muito convencido. Hoje eu te confesso: não me espanto mais. Me espanto quando se dá o contrário. E quando em Círculos de Cultura (o trabalho conjunto da alfabetização), na África, por exemplo, eu não ouço frases como as que comentamos. A análise crítica, por parte do povo, não me espanta, de jeito nenhum."

IONE — Paulo, sei que o método avançou, adaptou-se a cada realidade cultural onde foi aplicado. Na aplicação há alguma semelhança com a experiência brasileira?

PAULO — "Mudou muito. Quando discuto o nosso comportamento na Guiné, eu digo que as experiências não se transplantam, elas se recriam, reinventam-se. O que tenho tentado fazer no mundo — enquanto um andarilho da obriedade, que é isso que sou — é demonstrar que nós temos que recriar. O caso do Chile, por exemplo, te respondendo diretamente. Foi muito interessante. Os chilenos se recusavam a apresentar as fichas do mundo da cultura antes da alfabetização. Claro que estas fichas tinham codificações chilenas, feitas por um extraordinário pintor jovem. Se ele ia fazer codificações para uma zona rural, ele passava oito dias antes pela zona com um pincel e cavalete, pintan-

do, fixando a região e os traços fisionômicos do povo, fazendo pesquisas".

IONE — Algo muito mais rico e real do que as nossas fichas que eram simplesmente desenhadas, hein?

PAULO — "Muito mais, muito. O trabalho dele era uma coisa tão perfeita que no meio do debate o camponês olhando a ficha dizia: "Esse cara aí é a cara do compadre João". Porque o tal rapaz pintava os traços característicos da região. Pois bem, os chilenos se recusavam a discutir a questão da cultura em si, como uma introdução à alfabetização. Exigiam entrar imediatamente na alfabetização. Os educadores chilenos tiveram que dar um salto, me reinventaram. Enquanto aqui nós levávamos de três a quatro dias na discussão do conceito de cultura, ou as relações seres humanos-mundo, a prática transformadora do mundo pelo trabalho humano (que era a introdução ao método de alfabetização), no Chile tudo isto era discutido na própria decodificação da palavra geradora, entendes? Pois é o que é mais correto. Por isso mesmo, nas experiências africanas nós já sugerimos entrar direto na palavra geradora. Nós estamos voltando também de uma viagem aos Estados Unidos. Passamos um mês na Universidade de Michigan, onde tive seminários de verão. No último dia do seminário um jovem me perguntou: "Se estou interessado em repetir aqui no meu país, na minha cidade, algo do que tu fizeste, que devo fazer"? E, imediatamente, respondi: reinventar-me. Fora disso não dá. Em fevereiro estive em Nova Delhi, na Índia, durante dez dias. Num 1.º seminário eu trabalhei com gente que tinha lido tudo, tudo que escrevi (lá meus livros e trabalhos estão publicados em inglês e em hindí a língua nacional) como aplicado tudo na prática, no trabalho rural".

IONE — O seminário, então, era pra discutir contigo o resultado da prática?

PAULO — "Exatamente. Mas não ao nível da alfabetização, aí é que está! Mas ao que chamariamos aqui de pós-alfabetização: ao nível de uma formação geral, de educação política, por exemplo. Foi fantástico!"

IONE — Imagino você vendo um Paulo Freire indiano.

Paulo — "Paulo Freire indiano! Se o Paulo Freire brasileiro tem algo de correto, ao lado de erros e deficiências, o indiano também estava correto — só que indiano. Era dialogar comigo mesmo numa outra perspectiva. Então, este seminário não foi nada livresco, não foi uma discussão conceitual dentro dos livros. Esta experiência eu também tive na Europa. Recentemente, publicou-se na Alemanha um livro grandão: "Aprendendo com Paulo Freire". Conversei quatro horas com os autores. É um relatório bem alemão, com uma profundidade teórica imensa em que estes autores me reinventaram, recriaram. O que não dá certo é fazer o transplante puro. Não se pode fazer isto nem aqui, no mesmo País, nem no mesmo Estado. Em Pernambuco, por exemplo; há diferenças entre a zona do agreste, o centro urbano, a zona da mata."

IONE — Bom, recriado e recriando, você trabalhou o tempo todo só com educação?

Paulo — "Ah, isso foi uma característica minha e do meu exílio até hoje, e que me confere um certo ar de privilégio. Enquanto muitos exilados que conheci e de quem me fiz amigo, tiveram que reciclar-se, buscar uma nova profissão, refazer-se do ponto de vista profissional, eu cheguei num dia, e no outro comeci a trabalhar no mesmo lugar. Contando os dez dias que passei muito mal, em La Paz, por causa da altitude, e depois, mais ou menos um mês, à espera de um documento boliviano pra sair do país e entrar no Chile, eu trabalhei todo o tempo desses 15 anos. Foi bom porque eu saía de uma prisão no Recife. E por mais que não tivesse fazendo coisa nenhuma na prisão, uma prisão não é lugar pra se repousar. Por isso, não tenho nem do que reclamar. Trabalhei sempre como educador, no concreto. Foram 15 anos de reflexão, estudo, de crítica, de curiosidade, que jamais desapareceram, jamais. É preciso que eu esteja muito cansado, exausto, para não estar esperto para algo. Isso tornou-se em mim a prática de pensar a prática. Esses anos me ensinaram uma enormidade."

IONE — Você não tem segura de, voltando pro Brasil, reinvestir aqui toda esta experiência?

Paulo — "Ah, sim. Por outro lado, eu vou levar um tempo porque sei que estou num contexto brasileiro — que é meu e para o qual volto felicíssimo — buscando ver onde, neste contexto, eu posso ser útil. Na atividade docente, investigadora, que é o que estou discutindo nesta passagem."